VI Semana de História do Pontal
Sociedade, Cultura, Patrimônio
25 A 28 DE SETEMBRO DE 2018
V Encontro de Ensino de História
ISSN 2179-5665

A representação feminina no movimento cultural da congada: uma perspectiva por relatos orais.

Marília Alves Ferreira de Resende
Graduanda em História pela ICH/UFU

Francielle Correia Rodrigues Silva
Graduanda em História pela ICH/UFU

A congada é considerada uma das maiores representações culturais do estado de Minas Gerais, sobretudo na região do Triângulo Mineiro, onde centenas de Ternos e Moçambiques buscam resgatar e representar a cultura africana, através da ancestralidade e espiritualidade, que são apresentadas pela cultura e arte. Para além da certificação e do reconhecimento da importância dessa representação cultural, buscamos entender como a mulher está inserida dentro do próprio movimento, podendo compreender qual o papel e a importância das mulheres para o desenvolvimento das atividades dos Ternos e Moçambiques. Para tal, realizamos uma entrevista oral com a matriarca e fundadora de um dos ternos da cidade de Ituiutaba, Minas Gerais.

A escolha do tema parte do reconhecimento da importância da discussão à cerca da representação feminina, sendo articulada a partir da reflexão cultural, sobretudo o valor dessas questões para a sociedade. A problemática buscava compreender através do relato da entrevistada, a relação de gênero e cultura, bem como sua representação na cidade de Ituiutaba. O ponto de vista de uma pessoa que tem lugar de fala e que contempla essas duas temáticas (representação feminina e cultura social), teve uma rica contribuição para que pudéssemos entender um pouco mais sobre a posição de uma mulher que é líder de um terno no movimento cultural da congada.

ISSN 2179-5665

Como a congada é uma representação cultural tombada como patrimônio histórico e sobretudo, um espaço muito masculinizado, embora tenha muitas mulheres, elas quase nunca ocupam espaços de liderança; o cargo de maior representação feminina dentro da congada é o matriarcado, mas que atua no campo simbólico e de respeito, mas não como uma liderança que impõe regras.

Partindo da problemática, a pesquisa buscando compreender e analisar os pontos levantados por meio do relato de vida da entrevistada, para tal, objetivou-se na produção de uma fonte oral. A base metodológica utilizada para a produção e trato com a fonte, teve como principal base as obras de Verena Alberti. Segundo a autora, a história oral deve ser compreendida como uma ação de interpretar o passado, possui "cunho biográfico" e é seguida por uma "narrativa". As especificidades das fontes orais estão em sua maioria ligadas às entrevistas e aos entrevistados; a compreensão tem que partir da ideia de que a "entrevista é uma fonte intencionalmente produzida" (p. 168), pensada e articulada pelo entrevistador, sendo assim, o relato é resultado de uma primeira ação, onde o entrevistado é autor do processo, mas não o único, fazendo com que o resultado seja a ação de ambos, entrevistado e entrevistador.

Compreendendo o ofício do historiador e o seu papel como atuante no processo de produção da fonte, buscamos através da produção do roteiro, expor nossos objetivos, buscando trabalhar a problemática, mas respeitando e compreendo o espaço de fala e liberdade da entrevistada.

O roteiro foi produzido para uma entrevista semi-dirigida, contemplando as temáticas de cultura e gênero, especificamente levantando pontos que tratassem da mulher e o movimento da congada em Ituiutaba, respondendo a questionamentos como: De que forma a mulher está presente na história do congado? Qual é o papel da mulher dentro da organização do congado (festas, administração)? Lembrando que o roteiro é uma perspectiva de como esperávamos que a entrevista fosse conduzida.

Iniciamos o roteiro com o "Cabeçalho", contendo local e data da entrevista, nome do projeto, nomes das pesquisadoras e entrevistada, na sequência, o próximo título "Identificação do entrevistado", trazia um espaço para que a entrevistada se identificasse de forma mais

ISSN 2179-5665

objetiva, com informações como data e local de nascimento, e um discurso livre com sua biografia.

Finalizando esse momento introdutório, partimos para o terceiro ponto, nomeado de "Memórias sobre a congada em Ituiutaba". Durante a produção do roteiro, buscamos focar na relação que a entrevistada mantém com a cultura do congado, dessa forma esse subtítulo, trazia questões que remetessem a história da cidade – pelo olhar da entrevistada – e da história de sua família com o congado, dessa forma, estabeleceríamos uma compreensão de como a entrevistada estava ligada a cultura do congado, e como se tornou líder de um terno. Essa temática era introdutória para o próximo ponto, intitulado "Criação do terno", aqui, a entrevistada falaria do seu terno especificamente, como data e local de criação, dificuldades, a liderança e as relações com os demais ternos e com a Irmandade São Benedito. Acrescentamos ao roteiro um ponto intitulado "Religião e as origens africanas", para entender a religião seguida pelo terno, e as relações mantidas entre os congadeiros e a liderança, partindo da religião.

Continuando a produção do roteiro, introduzimos as questões ligadas a mulher e a sua representação, intitulamos o próximo ponto de "A mulher na sociedade", incialmente buscamos entender como a entrevistada percebia a mulher enquanto cidadã, consciente de seu espaço. As questões buscavam refletir sobre a mulher na sociedade, a mulher negra na sociedade e a igualdade e visibilidade feminina, dando um norte para compreensão da mulher enquanto atuante no espaço social.

Seguindo com a temática, o próximo ponto "Presença das mulheres no congado", tinha por fim, como objetivo, compreender a mulher enquanto congadeira e participante do movimento da congada, como organizadora, componente ou mesmo líder. Finalizando o roteiro, a entrevistada teria um espaço livre para considerações finais.

Tendo como base a obra de Verena Alberti, após a conclusão do roteiro, seguimos para a produção da entrevista, nos atentando a todos os detalhes primordiais para o bom andamento do trabalho, como materiais necessários e os cuidados com o arquivo produzido, no nosso caso, a filmagem. Após a produção da entrevista, vem o trato da fonte, esse é um processo minucioso e complexo, que parte da transcrição e segue para o processo de análise.

ISSN 2179-5665

O roteiro foi um ponto de partida. Em nosso primeiro contato com a entrevistada, ela solicitou acesso ao roteiro para se preparar para a entrevista, e nós concedemos. No momento da execução da entrevista, a entrevistada já tinha uma base do que perguntaríamos. O processo de análise ainda está em construção, nossos resultados são parciais, mas com base em nossas leituras e análise das falas, percebemos que a entrevistada já possuía uma narrativa construída, partindo do roteiro.

A entrevistada começa seu relato dando ênfase ao papel da figura materna na sua criação, ressalta várias vezes que é "fia da Lazara... sou filha da Lazara!!". A representatividade nesse contexto é perceptível no orgulho da qual ela expressa, não só verbalmente, mas também através de se expressão gestual, o sorriso e a alegria ao se referir a importância da mãe na vida dela. A entrevista foi filmada e por isso as expressões registradas são de riquíssima contribuição e agregam enorme valor as análises e interpretações juntamente a fala. A relação com outras congadeiras se delimita no campo da amizade e do orgulho, uma vez que uma de suas amigas de infância, se tornou também uma líder de um terno, e por este motivo, a entrevistada afirma admirar muito e sentir um grande orgulho da posição que ambas ocupam, bem como também seu trabalho espiritual.

Para a entrevistada ser mulher e líder de um povo ocorre de maneira natural, afirma que ela é porta voz de uma entidade que está a cima dela e que esta é quem realmente dita as normas a serem seguidas. Essa naturalização também ocorre no plano ancestral e espiritual, uma vez que a escolha da posição que ocupa de liderança foi feita pelo o avô no momento de seu nascimento.

O discurso apresentou uma mulher forte, uma líder, guiada pelas divindades, São Benedito e o Espírito Santo, condutora e coordenadora de um terno. A entrevistada afirmou que não se percebia assim, que nossa pesquisa tinha dado a ela um norte para se imaginar como uma mulher frente a um terno, em um cargo de poder, de comando.

A fala de entrevista está cheia de contradições e repetições, mas tinha um ponto forte, as regras do terno. A todo momento a entrevistada expôs a importância das regras, o que elas eram, de quem vieram, por que existiam, qual seus objetivos, para quem elas falavam. As regras segundo a entrevistada, é um ponto de discordância entre o terno dela e os demais, elas

ISSN 2179-5665

expressam os sentimentos e as ordens de São Benedito, visto que as regras foram impostas por ele – segundo a entrevistada –, porém percebemos uma enorme subjetividade presente na fala da dela.

É complexo analisar como a entrevistada pensou o momento da entrevista, como os resultados ainda são parciais, o que podemos concluir até o momento, é que ela esperava que a entrevista rompesse os muros da universidade e falasse com quem se sente incomodado com as normas, com quem subjuga as práticas do terno, como a crença Umbandista, a quantidade de congadeiros e as normas que regem o terno. A entrevistada coloca da seguinte forma:

> E uma das coisas que eu fico muito feliz com essa entrevista é ter a honra e o prazer, a chance, que eu acho que as pessoas gostam de falar qualquer coisa, de criticar qualquer coisa deveria entender certos fundamentos. E é difícil, não é fácil mas cada vez que eu consigo eu sinto que eu mesma estou sendo libertada. Porque o (nome do terno) veio para isso, ele veio pra libertar individualmente cada um. É o espirito santo. Então as leis, isso que eu queria explicar muito. [...] Meninas, das normas do Libertação, pra mim é muito importante, porqueee, as normas do Libertação não tem nada a ver com ser Umbandista, mas sim com os dons do Espírito Santo, né? Éééé... O Espírito Santo, ele nos traz dons maravilhosos. Então, as normas do Libertação, ele vem cerificar, que nós vamos estar sempre tentando, nos ligar aos dons positivos dele, né? [...] Se nós tirarmos, em ninguém do nosso terno, eu falo daqueles que tem ... direção, né! Presidentes, presidente, capitão e tudo mais, isso é uma coisa que nós jamais vamos abrir mão, jamais, isso seis pode ter certeza. Daqui 20 anos quando vocês voltarem, ou alguém voltar e perguntar, as normas estarão aqui. Sem elas não faz sentido, ... sem elas, nós não vamos ter certeza, ... que nós sempre estivemos com o Espírito Santo, e que nós aprendemos, que ser congadeiro é além de bater caixa. (ENTREVISTADA)

As falas reafirmam a todo momento como as regras são fundamentais para a existência do terno e como elas não são compreendidas por quem está de fora. Para ela, a entrevista surgiu como uma oportunidade de falar, de se explicar, por que São Benedito impôs as regras, e ela se coloca como cumpridora dessa determinação, mas também como produtora dessas regras. O questionamento que colocamos, busca perceber a existência de uma autoafirmação frente ao preconceito que existe pela religião, mas também por ela ser mulher. Ela utiliza muito a figura de seu avô como uma base para sua direção e como justificativa por estar em sua posição, visto

ISSN 2179-5665

que seu avô a escolheu, quando ela ainda era um bebê, bem como também São Benedito, uma divindade em quem ela se espelha e coloca a responsabilidade do que prega.

Para o processo de análise, têm sido fundamental a obra de Alessandro Portelli, que faz uma reflexão sobre a análise das entrelinhas e a composição dos personagens, bem como também a obra de Michael Pollak, que trabalha as relações da memória com a construção da identidade social, individual e coletiva. Para nossa entrevista, essas obras colaboram para entender como a entrevistada se aceita de fato, como se dá a construção da figura dela como líder, embora ela reafirme uma liderança divina através da elaboração de um discurso para que ela seja aceita, bem como a imagem de seu avô, um homem respeitado e um líder, o qual lhe garantiu o papel de liderança.

Contrapondo, a entrevistada afirma que a mulher assume um papel de grande importância, mas sendo sempre coadjuvante no processo:

> Contrapondo essas falas a entrevistada afirma que a mulher assume um papel de grande importância, mas sendo sempre coadjuvante no processo: ... Pelo que eu tenho trabalhado sobre os nossos antepassados, as mulheres lá, pelo jeito é que mandava e reinava! ... pelo que eu sei, mas vai tá no livro! Pelo que eu sei, as muiê lá, mandava e desmandava, quero fala procês. Então, faz todo sentido, essas mulheres estarem a frente, quero dizer pra vocês, tá! As muiê lá, elas mandava e desmandava, tá! (risos) tá, fica preocupada não, quando eu falo do Sebastião, seis vão saber que atrás do Sebastião tinha uma grande mulher, atrás do João Preto, né. Então, as mulheres estavam sempre lá, firmes! E forte! né. (ENTREVISTADA)

É perceptível como a entrevistada coloca a mulher em uma posição de poder, mas não mais do que os homens, sempre como auxiliadoras, portadoras da obrigação de garantir um bom governo aos homens responsáveis pelos ternos.

Todos esses pontos ainda se encontram em análise, o trabalho com fontes orais é de extrema complexidade, mas pode nos proporcionar analisar a história por outras perspectivas, diferente daquela que na maioria das vezes nos conduzem apenas a história dos vencedores; podemos partir de novas ideias, de novos entrevistados e consequentemente de um novo olhar diante de um mesmo tema, nos proporcionando uma nova compreensão de uma mesma história, mas partindo de um ponto de vista diferente.

ISSN 2179-5665

A entrevista proporcionou para além da perspectiva da relação feminina dentro da congada, outros vieses que podem proporcionar pesquisas de grande relevância não só acadêmica, mas também para o próprio movimento, na perspectiva de autoconhecimento e de se perceber um movimento complexo, mas de uma importância e espiritualidade enorme.

A primeira proposta seria o levantamento histórico do Terno. A entrevistada contou em detalhes toda a história do Terno, desde sua criação, até os dias atuais, contabilizando 14 anos de narrativas. Ela citou informações como, o motivo da criação, como se deu, as imposições para tal, o motivo das cores, da representação estética do terno, a história da primeira madrinha, relatou sobre a documentação do terno e ainda em relação a perspectivas futuras.

O ponto principal é as normas do próprio terno, ela trouxe o motivo das normais, quais são as normas, os impactos que elas proporcionam a vida dos congadeiros, a relevância dessas normas para o terno, como essas normas interferem no tamanho do terno, na quantidade de congadeiros e congadeiras e ainda na forma como outros ternos veem o Libertação, de forma extremamente conservadora por adotar essas normas, visto que os mesmos não são tão extremistas, segundo a própria entrevistada.

Outro ponto seria a questão dos antepassados. O Terno é Umbandista, e suas crenças envolvem os antepassados como guias para o tempo presente. Esse ponto esteve constante durante toda entrevista, o fato da entrevistada ter sido escolhida para fundar e estar como presidente do terno teve uma explicação espiritual para ela, bem como todas as narrativas, em tudo que acontece no terno e fora do terno, na vida dela e dos congadeiros, têm relação com a espiritualidade seguida por eles. Justamente porque a família da entrevistada possui um Terreiro de Umbanda, onde ela também é a Mãe de Santo.

O Terno é hoje também uma ONG e possuí já uma cartilha e está preparando o lançamento de dois livros com temáticas de autoajuda sobre os congadeiros e as narrativas espirituais do terno, segundo a entrevistada, essas são ações que buscam manter a historicidade do terno.

Podemos perceber a mulher como atuante, participativa e sobretudo resistente no espaço da mobilização cultural que a congada está inserida, embora haja muitas contradições no

ISSN 2179-5665

processo de análise. Poder entrevistar uma mulher e através dela buscar entender essas questões, que também se fazem presentes fora da congada, é caminhar para romper com paradigmas determinados em uma sociedade machista, mas para além é conseguir compreender o papel dessa mulher dentro da congada que vai além do material, permeia também espiritualmente, em atuação, escolhas e comando. E ainda assim, conseguir perceber o posicionamento dessa mulher frente também a questões sociais em que a mulher está inserida no geral.

Encerramos essa atividade, conscientes da importância da História Oral, no âmbito da percepção da História através de posicionamentos pessoais e que ainda assim possuem extrema relevância para entender os processos históricos através dessas narrativas. Perceber e captar a história da entrevista é acreditar que a mulher pode sim romper com o preconceito, embora compreendemos que a caminhada não é fácil, que existem muitos desafios e que a maioria já estão arraigado socialmente, mas a luta não pode parar e devemos resistir, sobretudo em nossa própria condição feminina.

Referências bibliográficas.

ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In PINSKY, Carla (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos. Narração, significados e interpretação nas memórias e nas fontes orais*. Tempo. Rio de Janeiro, vol.1, n. 2, p. 59-72, 1996

POLLAK. Michel. *Memória e identidade social*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p. 200-215.

Fontes.

ENTREVISTADA. Entrevista concedida a Francielle Rodrigues e Marília Resende. Ituiutaba, 11 jun. 2018.